

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia

18 - Março - 1967

“O HOMEM DO PREGO”

(“The pawnbroker”)

Ficha Técnica

Realização — Sidney Lumet

Argumento e roteiro — Morton Fine e David
Friedkin, sobre uma novela de Edward
Lewis Wallant

Fotografia — Boris Kaufman

Cenografia — Richard Sylbert

Música — Quincy Jones

Montagem — Ralph Rosenblum

Interpretação — Rod Steiger (Sol Nazerman), Geraldine Fitzgerald (Marilyn Birchfield), Juano Hernandez (Mr. Smith), Brock Peters (Rodriguez), Jaime Sanchez (Jesus Ortiz), Marketa Kimbel (Tessie), Baruch Lumet (Mendel).

Produção — Roger Lewis e Philip Langner
para a LRO Through Allied Artists, 1965

Quando Sidney Lumet realizou, em 1956, “Doze homens e uma sentença” (“Twelve angry men”), todos julgaram estar diante de uma nova grande personalidade do cinema americano. Era a época em que uma geração vinda da TV fazia acreditar no rejuvenescimento de Hollywood. Paddy Chayefski, Rod Sterling e Reginald Rose como argumentistas, Martin Ritt, John Frankheimer, Delbert Mann e Sidney Lumet como realizadores, tendo vencido na televisão, também venciam no cinema. Lumet estava com 32 anos (nascera em 1924, em Filadélfia), mas desde muito jovem dirigia peças teatrais e ingressara na TV a partir de 1950. “Doze homens e uma sentença” não passava, aliás, de uma adaptação cinematográfica do texto que já realizara na televisão: seu estilo, como o próprio tema, denunciava a origem. Uma perfeita unidade de lugar, de tempo e de ação: a sala em que doze jurados decidiam sobre a sorte de um acusado, nada mais do que essa sala e as discussões dos personagens. No entanto, uma sabedoria de enquadramento e uma agilidade de câmara magníficas.

Depois desse começo brilhante, Lumet, tanto quanto aconteceu com Martin Ritt (“Um homem tem três metros de altura”), Delbert Mann (“Despedida de solteiro” e “Marty”) e John Frankheimer (“The young stranger”), se não perdeu a inspiração, submeteu-se às convenções comerciais. Continuou fazendo filmes, porém medíocres e banais. A liberdade de pensamento e de forma que o fizera admirado como autor independente e audacioso desapareceu.

“O homem do prego” significa uma recuperação do antigo TV-man. Num caminho diverso do que percorreu durante esses dez anos em que não foi mais do que um técnico escrupuloso, reverente do texto que lhe davam a dirigir, fôsse de Tennessee Williams, Arthur Miller ou Eugene O'Neill: quer dizer, um artezão aplicado dos princípios teatrais na versão cinematográfica.

Desde os planos iniciais de “O homem do prego” percebe-se a grande virada de Lumet: não é só porque exista aqui uma surpreendente beleza de ima-

gem, o gosto do envolvimento visual, mas é sobretudo o processo usado se inclui entre os mais típicos e exclusivos da linguagem cinematográfica — a câmara lenta. Há uma evocação e o passado se reconstrói pela sutileza óptica de um ritmo aquém do real. Nem no teatro, nem na TV, Lumet poderia figurar o tempo morto como o fez com essa lentidão imagística. Lentidão que irá logo se contrapor, por um outro meio especificamente fílmico: a montagem, à brevidade instantânea de novas recomposições do passado, com planos rapidíssimos. Nessa contínua interferência do hoje e do ontem, de que se faz todo o filme, a memória se divide exatamente entre duas naturezas de lembranças, ambas persistentes, embora somente uma desejada. As lembranças felizes, ainda que fugazes, traduzem-se pelo andamento vagaroso das cenas. As amargas, pelo clarão fulminante e atordoador. Poderia dizer-se que Lumet aprendeu muito com Alan Resnais, com “Hiroxima, meu amor” e “O ano passado em Marienbad”, que são talvez, ao menos no cinema moderno, os dois maiores exemplos do funcionamento da memória como virtualidade artística. Mas, conquanto o aprendesse, nenhum outro já teria transformado o método num exercício tão recitadoramente pessoal, tão espontâneo e consequente diante do tema tratado.

Na realidade, não haveria outra forma de expor o drama de Sol Nazerman senão esse: porque um homem que sobreviveu à felicidade e à desgraça. Um judeu, cuja tranquilidade pastoral foi cortada pelo nazismo. E, sozinho, dentro de sua casa de penhor no bairro novaiorquino de Harlem, não tem mais fundamento existencial. Enquanto sofreria toda piedade e toda ternura pelos que o procuram, atormentava-se com o cruzamento nemônico dos dias felizes e dos dias desgraçados.

Patético da dor contemporânea, e também do crescente esquecimento dessa dor, “O homem do prego” é um dos filmes mais amargos dos últimos anos. Sem concessão aos que vêm no cinema apenas uma gratuidade de alto nível dramático.